

A poética das cavernas

Magda Guimarães Khouri

Cavernas dos sonhos esquecidos

“O que essas pessoas que habitaram este vale deixaram para trás foi sua magnífica arte. Não foi um começo primitivo ou uma evolução lenta, mas apareceu repentinamente, como um evento explosivo. É como se a alma moderna houvesse despertado aqui”. Essa é uma das falas do cineasta Werner Herzog, em seu documentário: *A caverna dos sonhos esquecidos* (2010), impressionado com a qualidade das pinturas da Caverna de Chauvet Pont D’Arc, no sudoeste da França. Ele acrescenta ao dizer que os desenhos e pinturas pré-históricos ali descobertos são “grande arte”.

Foi em 18 de dezembro 1994 que os espeleólogos Jean-Marie Chauvet, Christian Hillaire e Eliette Brunel revelaram a existência da caverna, onde foram encontradas cerca de 400 figuras artísticas, datadas de mais de trinta mil anos. Para que as pinturas não se deteriorassem, a entrada foi imediatamente vedada e permitido o acesso ao seu interior apenas a um grupo de cientistas, arqueólogos, historiadores de arte, paleontologistas e geólogos, de tempos em tempos.

Abriu-se uma exceção para que o cineasta alemão registrasse estas produções, como forma de exibir ao mundo as mais antigas pinturas rupestres até hoje encontradas.

“Estas imagens são recordações de sonhos esquecidos há muito tempo. Poderemos entender algum dia a visão do artista transcorrendo o abismo do tempo?”. Nesse fio condutor, Herzog nos apresenta uma vertiginosa viagem a Chauvet, pela explosão de sensibilidade desses pintores paleolíticos, de suas captações de mundo que nos fazem rever cada vez mais as formas de conceber as questões da subjetividade na história da civilização.

Um dos cientistas que participa do documentário afirma que a cena dos cavalos pode ser considerada uma das grandes obras de arte do mundo. Trata-se de uma sequência de cavalos superpostos, uma

Magda Guimarães Khouri.
Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Presidente da SBPSP (2025-2026).
magdakhouri@uol.com.br

Fig. Cavalos da Caverna Chauvet por Thomas T., licença CC BY-SA 2.0 flickr.com/photos/theadventurouseye/5602930382/.

belíssima figura de alta qualidade técnica, com jogo de luzes e sombras. Há animais em profusão desenhados nas paredes, alguns com várias patas, sugerindo movimento que, no documentário, foi considerado “como uma antevisão do que seria o cinema, uma espécie de protocinema”.

Lembremos que todo cenário descrito se refere à Idade do Gelo, em um lugar, de acordo com os cientistas, repleto de rinocerontes lanudos, mamutes nos rios, megaloceros nas florestas (alces gigantes), caribus (espécie de renas), ibex (uma cabra-montês com grandes chifres retorcidos), bisontes, antílopes, lobos, leões, cavalos, hienas, águias entre outros animais.

Junto a Herzog, observamos por sobre os milênios e tentamos entender as cavernas de onde vieram os nossos antepassados, esses poetas da antiguidade que criaram seus próprios mitos, assim como os cientistas construíram suas narrativas, como o cineasta nos apresentou sua versão da história e como esses sonhos esquecidos ecoam em nós, numa constante transformação em experiências e linguagens.

E a cada informação oferecida, é possível delinear o investimento feito por essas pessoas para criar formas de representação engendradas a partir da realidade da época glacial. Por exemplo, tudo indica que tais sítios arqueológicos nunca foram habitados pelos homens e provavelmente os usavam apenas como espaço para os registros nas pedras e para cerimônias. Estudos estilísticos dos desenhos podem afirmar que alguns deles foram feitos por uma mesma pessoa, o que sugere ser um artista que se ocupava desse ofício na comunidade. Outra hipótese é que as técnicas utilizadas também tenham sido passadas entre as gerações, em sucessivos processos de aprendizagem.

O que esses anônimos de trinta mil anos nos dizem, sob as lentes de Herzog, é a permanente inventividade do homem em transformar a realidade do mundo em uma outra realidade de ordem metafórica. A ciência tem se deparado com a constatação de que todo o registro da existência do ser humano está acompanhado da arte; homem e sua representação artística parecem ser inseparáveis.

Dentro desse mesmo contexto, estão os registros encontrados nas Cavernas de Gargas, do Paleolítico superior da Europa, localizada no comuna de Aventignan (Hautes-Pyrénées, França), de 27000 A.C. O artista plástico Sergio Fingermann recorre a essas pinturas para explorar as origens do gênero retrato na história da arte.

Fingermann (2021) destaca as *mãos em negativo*, cujo método resumia-se em colocar as mãos nas paredes das cavernas e assoprar pigmentos em pó sobre elas, a fim de obter a silhueta das mãos. Testemunho de uma subjetividade, ali nasce o retrato, pois nesses desenhos há uma individualidade registrada.

Todo esse longo caminho na história nos faz remeter ao trabalho de Osório Cesar descrito em seu livro “A expressão artística do alienado” (1929), que consiste em recuperar a humanidade dos internos com profundo respeito ao campo subjetivo. O trabalho do médico ao tratar seus pacientes no Hospital de Juquery, desde 1923, quando ainda era estudante interno, por meio das mais variadas expressões da arte, mostra suas sensibilidades e aberturas para experimentar as fronteiras do mundo psíquico.

Por outras vias, o autor revela a inerência entre o homem e a arte:

[...] A manifestação artística em certos alienados, sob qualquer forma (escultura, desenho, pintura, poesia etc.), é uma necessidade indispensável à sua vida de enclausurado. Talvez seja isto o motivo para que as suas ideias alucinatórias, de grandeza etc., venham a se objetivar mais demoradamente no mundo da realidade material. E dessa forma, nós observamos um fato singular. Os doentes que se entregam a essas cogitações ficam calmos, trabalham com prazer, estilizam as suas manifestações de arte com inteira satisfação de ânimo. Dir-se-ia que os seus pensamentos se perdem em um enorme mundo de belezas.

E não se julgue que essa atitude de arte entre os alienados seja produto de reproduções mecânicas, estereotipadas, feitas sem interesse, sem afetividade. Puro engano. Grande parte desses artistas insanos possui uma verdadeira idolatria por tudo o que fazem e seus trabalhos são, às vezes, sob o ponto de vista estético, de um valor inestimável [...] (Cesar, 1929, p. 52).

Ao mesmo tempo, os primeiros traços do pensamento psicanalítico aparecem em seu texto, apontando os primórdios de uma política do desejo. Desejo inconsciente, conforme visto na concepção freudiana, como matriz das emoções, sendo sempre algo conflituoso, do qual o sujeito não quer saber. Por meio da arte, o acesso ao que surge do inconsciente, daquilo que pode provocar angústia ou prazer, tem a chance de ser representado em outra dimensão. Aí também está um dos centros do trabalho psicanalítico, que é criar condições para se representar o que é vivido pelo sujeito nos impasses do desejo e, a partir dessa escuta, gerar possíveis transformações.

Arte bruta

No contexto histórico do trabalho desenvolvido por Osório Cesar no Hospital do Juquery, no início da década de 50, foi ocorrendo uma mudança de perspectiva no campo das artes. Começou a ser dada ênfase às produções mais inventivas e espontâneas fora do circuito chamado “arte

culta”. Em 1945, o pintor francês Jean Dubuffet liderou um movimento em torno do que denominou “arte bruta”, que qualificava as criações de não-profissionais, sobretudo dos psiquiatrizados, como artísticas. Tais trabalhos “emergem de uma invenção inteiramente pessoal, extraídas por seus autores do fundo de seu próprio ser...” (Frayze- Pereira, 1988, p. 50).

Frayze-Pereira (1995) acrescenta ainda:

[...] Mais precisamente: tendo descoberto e inventado meios para explodir “as camadas mais superficiais” de seu psiquismo, permitindo a eclosão de vozes oriundas das “camadas subjacentes”, o autor com sua obra concretiza diante de nossos olhos possibilidades que possuímos em nosso interior (assim como o artista possui no seu) sem sabermos [...] (Frayze- Pereira, 1995, p. 111).

Vale lembrar que é nesse período que Nise da Silveira (1905-1999) marcou a história brasileira pela sua intensa aproximação à arte, que lhe deu suporte para deslocar a problemática da loucura, em geral, e da esquizofrenia, em particular, do campo da psicopatologia médica para o campo da cultura.

Vemos que temas como o inconsciente, o sonho, o sentimento interior, a loucura são destacados para pensar a arte, cujo efeito no espectador são percepções “de aspectos ainda não vistos de sua existência”. (Frayze-Pereira, 1988, p.51). Além do valor estético de algumas obras, é reconhecido o significado vital que tem a atividade plástica para as pessoas internas como forma de resgatar sua condição humana.

O inquietante

No texto de 1919 “Das Unheimliche” (O estranho familiar), Freud escreve sobre a importância da estética na sua expansão como “teoria das qualidades do sentir”. O seu interesse é sobretudo por uma área da estética, ou seja, o estudo sobre o “estranho”. Nesse trabalho (também traduzido por “O inquietante”, “O sinistro”, “O perturbador”, “O estranho”), o autor mostra essa experiência que todo o ser humano tem: no inquietante haveria algo de familiar. Impressão assustadora “que se liga às coisas conhecidas há muito tempo e familiares desde sempre” (Freud, 1919/1990). Essa impressão surge na vida cotidiana quando complexos infantis, recalçados, são despertados. Reativam-se forças muito primárias que o sujeito parece ter esquecido ou que acredita ter superado.

Freud detecta a estranheza do inconsciente, como aquilo que é inominável em nós mesmos. O estranho nos provoca, porque toca no sinistro que vive em nós. Por essas bordas transitam a arte e a psicanálise:

“A inquietude e a estranheza mostram essa zona de fronteira onde perambula a sombra do outro, como uma “familiar” aparência.” (Goldstein, 2019, p.109). Uma dimensão perdida sempre invisível e quando aparece causa o estranhamento. Somente escutando a própria turbulência pulsional, podemos nos implicar com o inquietante do desejo, com nossa agressividade e sexualidade, revivendo esse outro de si mesmo. E é nesse jogo entre o familiar e o estranho, entre o sono e a vigília, naquilo que nos escapa, que se constitui o mais íntimo do sujeito. E o *ethos* da psicanálise é a mobilidade psíquica.

No contexto dos internos psiquiátricos parece que a função da arte é deslocar a permanente estranheza que se vive na loucura para uma representação simbólica, recuperando aquilo que diferencia o humano: a linguagem em suas variadas formas. Na arte cabe a loucura no sentido em que abriga as contradições, o indizível, o absurdo, deixando livre o imaginário do sujeito na sua singularidade.

Fabio Herrmann aborda o parentesco da arte com a psicanálise, sustentando uma relação de imbricamento e não de contiguidade. O autor recupera o horizonte de vocação, dado por seu fundador, de ciência geral da psique, fora dos cânones das ciências duras que exigem repetição e comprovação de suas descobertas. A psicanálise seria uma *ciência artística*, que opera pelo método interpretativo inventado por Freud, e por trabalhar com o singular, tanto no conhecimento como na cura, não poderia aplicar o que a interpretação desvela em uma situação clínica, transportando para outra que ainda está por ser constituída. (Herrmann, 2008). Dentro dessa perspectiva, considera-se que uma nova teoria nasce a cada encontro de duas ou mais subjetividades.

Arqueologias e representação de mundo

Voltando ao documentário, o diálogo de Jean-Michel Geneste, diretor do Chauvet Cave Research Project, foi um dos grandes disparadores das ideias do presente artigo:

[...] Herzog: Você acredita que as pinturas da Caverna de Chauvet marcam o nascimento da alma humana moderna? Em que consiste a humanidade?

Geneste: A humanidade é uma boa adaptação ao mundo. As sociedades humanas devem se adaptar ao ambiente, a outros seres vivos, aos animais, a outros grupos humanos. E necessitam comunicar coisas. Comunicar e inscrever a memória em lugares muito específicos como paredes, pedaços de madeira, ossos. Essa é a invenção do homem de Cro-magnon.

Herzog: E também a música?

Geneste: Sim também a mitologia, a música. Mas se inventou a arte figurativa, com representações de animais, homens, coisas, como uma forma de comunicações entre humanos com o futuro para evocar o passado, para transmitir informação. E isto é muito melhor que a linguagem escrita, melhor que nossa comunicação. Essa invenção segue vigente hoje em dia, com esta câmera (apontando ao diretor de cinema), por exemplo [...] (Herzog, 2010).

O sujeito acontece na cultura. A subjetividade não está reduzida ao que se concebe como interior nas ciências psicológicas. Recorro à Lacan para evidenciar o íntimo diálogo que a psicanálise realiza com as produções artísticas: a ideia de êxtimo (Lacan, 1968-69/2008, p. 241): significando, em última instância, que aquilo de mais próprio ao sujeito só pode apresentar-se fora dele, na cultura, como lugar das potencialidades da constituição do íntimo.



Resumo A partir do documentário *A caverna dos sonhos esquecidos* (2010) de Werner Herzog e do trabalho de Osório Cesar, ao tratar seus pacientes por meio de várias experiências artísticas, no Hospital de Juquery, a autora tece considerações, no campo da subjetividade, sobre a constatação da ciência de que todo o registro da existência do ser humano está acompanhado da arte.

Palavras-chave arte, representação simbólica, inconsciente, loucura, pinturas rupestres

The poetics of caves

Abstract Based on the documentary *The Cave of Forgotten Dreams* (2010) by Werner Herzog and the work of Osório Cesar, treating his patients through various artistic experiences, at the Hospital de Juquery, the author elaborates considerations, in the field of subjectivity, about the scientific observation that every record of human existence is accompanied by art.

Keywords art, symbolic representation, unconscious, madness, cave paintings

Referências

Cesar, O. (1929). *A expressão artística nos alienados: contribuição para o estudo dos símbolos na arte*. Oficinas Gráficas do Hospital do Juquery.

- Fingermann, S. (2021). Live sobre Arte em tempos de guerra: auto-retratos. O sentido dos retratos e auto-retratos. 19/01/2021. Instagram: @sergiofingermann
- Frayze-Pereira, J.A. (1995). *Olho d'água: arte e loucura em exposição*. Editora Escuta.
- _____. (1988). *Arte e inconsciente*. IDE. (15), 50-53.
- Freud, S. (1990). O estranho. In *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 17, pp. 273-314). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Goldstein, G. (2019). *A experiência estética: escritos sobre psicanálise e arte*. Terra de Areia: Triângulo Graf. Ed.
- Herrmann, F. (2008). *Ruptura de Campo: Crítica e Clínica*. IV Encontro da Teoria dos Campos. Casa do Psicólogo.
- Herzog, W. (2010) *Caverna dos sonhos esquecidos* [Filme]. *Cave of Forgotten Dreams* [Título original]. History Films
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um outro ao outro*. Jorge Zahar. (Trabalho original proferido em 1968-69).

DOI
10.5935/0101-3106.v47n80.11